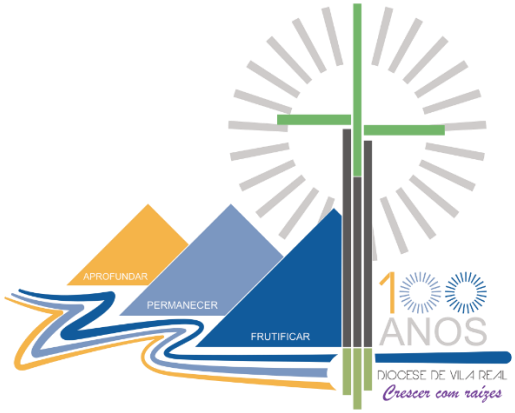

Sínodo 2021 - 2023

Para uma Igreja Sinodal

Comunhão | Participação | Missão

"A sinodalidade é o modo de ser Igreja hoje, segundo a vontade de Deus, numa dinâmica de escuta e discernimento do Espírito Santo" (Papa Francisco)

Síntese Diocesana

A Igreja de Vila Real alegra-se e dá graças a Deus pelo dom da caminhada sinodal a que foi chamada, coincidindo com a celebração do centenário da criação da diocese. Tratou-se de um caminhar juntos na busca do querer de Deus para a Igreja do terceiro milénio, procurando responder, em clima de oração, à questão fundamental proposta pelo Papa Francisco: Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, «caminha em conjunto».

- Como é que este «caminho em conjunto» está a acontecer hoje na nossa Igreja local?
- Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso «caminhar juntos»?

A presente síntese não retrata o pensar e/ou as opiniões da Equipa Diocesana Sinodal, apenas colige, de forma resumida e organizada, o fruto da caminhada sinodal.

Descrição do processo sinodal de recolha de informação

1. A caminhada sinodal foi dinamizada por uma coordenação diocesana, constituída por um sacerdote, um diácono e dois leigos, nomeada pelo bispo da Diocese de Vila Real, D. António Augusto de Azevedo, no dia 17 de outubro de 2021.

2. A equipa sinodal diocesana preparou materiais informativos e formativos, que foram disponibilizados online a toda a diocese, e realizou formação presencial ao conselho diocesano de pastoral e aos arciprestados.

3. No processo, que decorreu de 17 de outubro de 2021 até 18 de junho de 2022, foi envolvida a realidade eclesial da diocese:

    - conselho diocesano de pastoral, conselho presbiteral, paróquias, arciprestados, movimentos e serviços.

    Foram constituídas equipas sinodais a nível paroquial e arciprestal, que promoveram encontros e reuniões, tendo sido promovidos dois inquéritos sinodais online, um dedicado aos jovens, que contou com 40 respostas, e outro ao público em geral, que registou cerca de 200 participações.

4. A caminhada incluiu todos os grupos etários, contou com a participação de leigos empenhados na Igreja, batizados não praticantes, não crentes, e abrangeu as chamadas periferias, como estabelecimentos prisionais e bairros sociais, calculando-se a participação em 2.000 pessoas, representando 1% da população residente no distrito de Vila Real, que coincide com a diocese. Foram recebidas 60 sínteses, representando a caminhada de movimentos, paróquias, arciprestados e diocese.

5. As sínteses recebidas foram posteriormente analisadas e interpretadas pelos membros da equipa de coordenação diocesana e condensadas na presente síntese. Esta foi, posteriormente, apresentada no dia 18 de junho, ao Conselho Diocesano de Pastoral.

A. Apresentação dos resultados

6. A caminhada sinodal foi acolhida com entusiasmo e expetativa por parte de alguns leigos, enquanto outros se mostraram indiferentes. Decorrendo em período de pandemia, desenvolveu-se de forma presencial. Nos participantes constatou-se uma grande vontade de mudança, assente no "caminhar juntos" e num profundo desejo de colaborar na construção de uma "Igreja ao jeito de Jesus".

7. A caminhada sinodal foi oportunidade de encontro, diálogo e partilha entre membros da mesma comunidade que valorizaram a iniciativa como caminho para a edificação de uma verdadeira comunidade cristão, ao jeito das primeiras comunidades.

8. Além disso, foi também oportunidade para ir às periferias, escutando e acolhendo os que habitualmente estão à margem: os que não frequentam a Igreja, os reclusos, os pobres e os idosos a residirem em instituições.

9. O motor da reflexão sinodal nas diversas realidades eclesiais foi a questão fundamental proposta pelo Papa Francisco: Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, «caminha em conjunto».

    - *Como é que este «caminho em conjunto» está a acontecer hoje na nossa Igreja local? Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso «caminhar juntos»?*

A reflexão contemplou ainda os 10 núcleos temáticos propostos e decorreu em clima de oração. Os participantes sentiram-se livres e valorizaram o tempo de oração que foi feito, centrado na Palavra (Lectio Divina), manifestando o desejo de ver implementado nas paróquias este estilo de encontro e oração. Destaca-se também, como aspeto positivo, a vontade e o entusiasmo dos participantes em "caminhar juntos", em participar na vida da Igreja e assumir o protagonismo numa Igreja que se deseja mais acolhedora, participativa e samaritana.

10. Como grande conclusão da caminhada sinodal emerge a urgência de a Igreja concretizar os caminhos apontados pelo Concílio Vaticano II e regressar à essência e à alegria do Evangelho, o regresso às fontes da Igreja nascente.

11. No que toca aos aspetos negativos da caminhada sinodal, sobressai uma certa apatia por parte do clero que, na sua grande maioria, não motivou e não congregou à participação. A Pandemia na sua fase mais delicada, dos meses de dezembro, janeiro e fevereiro atrasou e condicionou um pouco processo sinodal.

B. Visão da Igreja atual

12. A Igreja é vista como a maior e mais antiga instituição da humanidade, mas que está a perder fiéis, em grande parte porque se apresenta com uma linguagem desfasada do mundo atual, não atualizada, não encarnada na realidade atual.

13. Destaca-se o papel relevante da Igreja nas áreas da educação, saúde, apoio à terceira idade e da caridade, na resposta aos mais pobres. Também é reconhecida a sua presença nos momentos de luto, no acompanhamento da dor e da perda de alguém, humanizando um momento determinante da vida humana.

14. Sente-se que a catequese não está a formar cristãos unidos à Palavra de Deus e à prática de ações concretas na fé, nomeadamente, não conduz ao envolvimento na vida da comunidade, à frequência da Eucaristia e à missão. Há, porém, experiências novas a surgir, de uma catequese em chave sinodal, com especial impacto em realidades desertificadas e com falta de catequistas preparados e sem vinculação à comunidade.

15. Nota-se uma Igreja envelhecida, fechada e sem uma verdadeira pastoral juvenil, incapaz de atrair e fidelizar os jovens.

16. Os jovens assinalam a falta de acolhimento, a grande dificuldade da Igreja em integrar e proporcionar oportunidades para mostrarem as suas capacidades e vontade na igreja. Falam também de uma Igreja que exclui determinados grupos, nomeadamente os homossexuais.

a) Aspetos positivos:

17. Os participantes na caminhada sinodal reconhecem a Igreja como casa de Deus, espaço de comunhão e lugar de encontro. E casa também num sentido de ser importante, onde se vai e está em família, uma segunda casa.

18. Valorizam o papel da Igreja na promoção dos valores humanos e na difusão da fé, como esperança e luz para a humanidade com sede de Deus, na promoção da vida, do trabalho digno, na promoção dos Direitos Humanos.

19. Destacam a ajuda sócio caritativa da Igreja que chega aonde mais ninguém chega. Em muitos lugares recônditos e desertificada, a única instituição presente e capaz de criar e fazer comunidade é a Igreja.

b) Aspetos negativos:

20. Na sua maioria, os participantes no processo sinodal referem que a participação, corresponsabilidade e sinodalidade não são praticadas efetivamente e que deveria haver mais seriedade no processo, em especial pelo do clero.

21. Descrevem uma Igreja pouco inclusiva e pouco acolhedora, em termos espirituais e em termos humanos, que discrimina divorciados, recasados, pessoas com diferente orientação sexual e minorias, como a comunidade cigana, deixando à margem os desprotegidos e os idosos e que não caminha com os jovens, lado a lado, tendendo a impor normas, ritmos e iniciativas.

22. Entendem que a Igreja tem uma atitude demasiado hierárquica, clerical, corporativa, pouco transparente e resistente à mudança; apresenta-se distante, ritualista e superior: sentem que os leigos são excluídos das decisões, apenas são chamados a serviços que os padres não querem ou não podem fazer.

23. Uma Igreja que revela alguma soberba na atitude e quase não escuta, desvaloriza os anseios e as expectativas dos leigos, relegando-os quase sempre para o papel de recetores passivos e não considera as mulheres em igualdade com os homens.

24. Há défice de escuta quer das mulheres, quer dos jovens, que espelha uma Igreja fechada, levando-os a sentirem-se pouco úteis e menos importantes que outros, o que leva a uma desmotivação generalizada.

25. Existem leigos e presbíteros que não dão testemunho verdadeiro, que não se abrem à solidariedade, à caridade, à fraternidade.

26. Algum clero ostenta riqueza e não dá verdadeiro testemunho (dá-se como exemplo mais gritante os casos de pedofilia que, muitas vezes, são camuflados e encobertos) e que conduzem ao descrédito da própria Igreja. O clero, por vezes, mostra-se inacessível e indisponível para acompanhar o Povo de Deus.

27. Verifica-se a ausência de verdadeiras comunidades paroquiais, perdeu-se o sentido da Igreja /família e, muitas vezes, as paróquias são vistas como dispensadoras de serviços e sacramentos. Não há muito a prática de grupo, muito menos de corresponsabilidade, centrando-se quase tudo na figura do sacerdote.

28. Constata-se que os movimentos da Igreja são muito fechados - dando a ideia de uma Igreja elitista para grupos privilegiados - e sem sentido eclesial.

29. Assiste-se a uma divergência entre os valores que a Igreja propõe e a forma como a própria comunidade vive, ou seja, não tendo os valores similares.

30. Aponta-se à Igreja o facto de ter demasiadas regras que não são cumpridas /exigidas de forma igualitária (uns sacerdotes fazem de uma forma, outros de outra). Sente-se que é necessário uniformizar critérios, mais rigor e mais exigência. As regras existem para serem cumpridas por todos.

31. Embora exista um peso inestimável da presença da mulher, tanto quantitativa como qualitativa, na comunidade cristã, constata-se que a manutenção da prática atual, inibitória do acesso a ordens sacras é, ao mesmo tempo, um claro sinal de discriminação

entre homens e mulheres, algo que não se entende na mentalidade atual e evolução social e antropológica.

c) Propostas de mudança:

32. Os participantes na caminhada sinodal sugerem que se caminhe e implemente um verdadeiro estilo sinodal para que a Igreja, clero e leigos, caminhem juntos.

33. Que se proceda a uma remodelação pastoral, que passe pela reorganização do território, nomeadamente com a associação de paróquias e a criação de novas (como resultado da fusão de algumas delas).

34. Que sejam aprofundados verdadeiramente e de forma muito séria alguns temas teológico-pastorais, entre os quais: outras formas presbiterais e a escolha dos bispos. Considera-se que é necessário mudar o atual modelo presbiteral a outras formas, nomeadamente ordenando homens casados, permanecendo o celibato como opcional. No que toca à escolha dos bispos, entende-se que é chegado o tempo de dotar o Povo de Deus, recuperando uma prática também tradicional na Igreja, de uma maior intervenção na escolha dos seus bispos.

35. Sugere-se também a instituição de conselhos pastorais em todas as paróquias da diocese e formação humana, teológica e doutrinal contínua dos leigos, nomeadamente dos que são chamados a integrarem ministérios e serviços na Igreja.

36. Sugere-se a instituição de vários ministérios: leitores, acólitos, catequistas, animação litúrgica, ajuda aos noivos, apoio aos jovens, etc., e que a hierarquia não tenha medo dos leigos instituídos, pois também são Igreja.

37. É fundamental a valorização do papel do leigo e, em especial, o papel da mulher que pode passar pela admissão às ordens sacras e pela participação em órgãos de decisão. Neste campo, seria importante as mulheres assumirem mais relevância não apenas na vida ministerial, mas também na possibilidade de acederem ao sacerdócio ordenado.

38. Seria muito importante a realização de assembleias paroquiais e arciprestais, como espaço de reflexão, partilha, formação e oração.

39. Sugere-se que a Igreja seja mais transparente nas suas atividades de gestão, que preste contas com regularidade aos seus fiéis, que envolva e escute o povo de Deus nas decisões, nomeadamente no que concerne a projetos e obras a realizar.

40. Seria importante discernir estratégias capazes de atrair os jovens e torná-los participantes da vida da Igreja, envolvendo-os nessas mesmas dinâmicas. Não podemos continuar a cometer os erros do passado, serem os adultos a decidirem as dinâmicas juvenis. É fundamentar envolver e comprometer os jovens.

41. Tendo em conta umas das principais queixas dos jovens, que se prende com a falta de acolhimento e uma linguagem pouco atrativa por parte da Igreja, precisamos de encarnar o estilo evangelizador de Jesus Cristo, que acolheu sempre, sem excluir, e usou uma linguagem simples e concreta, compreensível pelos destinatários, adaptada a cada situação e realidade concreta.

42. É fundamental que a Igreja se aproxime da vida concreta de todos/as e acolha a diversidade como lugar do amor de Deus, incluindo os homossexuais e outros grupos que se sentem à margem.

43. Seria importante a Igreja ser eficaz, clara e transparente no combate aos abusos sexuais na Igreja, num sentido de purificação, clarificação, alteração de práticas para erradicar definitivamente este problema da Igreja.

44. É premente valorizar o diálogo intergeracional; aumentar a atenção e o cuidado ao outro no viver quotidiano, fazendo emergir uma espiritualidade mais próxima de Cristo Samaritano; acolher sem julgar e não excluir sacramentalmente pessoas, apenas com base nas suas realidades familiares; escutar e dar particular atenção aos idosos, pobres, refugiados e marginalizados.

45. Em termos de catequese, é urgente abandonar o estilo escolarizado, caminhar para uma catequese mais envolvente, na relação com os pais, sugerindo-se catequese para pais,

para adultos, para todos; a catequese deveria reinventar-se nos métodos e conteúdos, tornando-se mais testemunhal e vivencial.

46. Seria conveniente chamar à participação e colaboração nas estruturas diocesanas, nomeadamente nos diversos secretariados, leigos de toda a diocese, pois só assim se constrói comunhão e edifica a Igreja diocesana.

C. Conclusão

47. A Igreja Diocesana de Vila Real alegra-se com a caminhada sinodal. Para que o caminho sinodal se concretize com maior plenitude na Diocese e Vila Real, propõe-se que se institua uma estrutura sinodal permanente: uma equipa sinodal diocesana e equipas sinodais paroquiais, de forma a estimular e acompanhar a sua implementação e concretização.

48. O caminho iniciado não pode ser interrompido e todos somos chamados à conversão eclesial à sinodalidade, à corresponsabilidade, à missão.

49. Apesar de terem sido dados passos, é importante consolidar o processo e aprofundar a consciência sinodal, para que este chegue a todos, como forma renovada de ser Igreja. E esta conversão deve ser por parte do clero e leigos, assente na formação.

50. É fundamental instituir Assembleias Sinodais regulares nas estruturas diocesanas (paróquias, arciprestados, movimentos e diocese) e que assuntos prementes da vida da Igreja Local possam ser apresentados e dialogados nesta estrutura diocesana.

51. Não dramatizar com os possíveis insucessos da caminhada sinodal, pois a sinodalidade é apenas um processo que se está a iniciar, sendo relevante avaliar os passos dados, os passos a dar e como cumprir o sonho do Papa Francisco de chegar a todos. Não devemos ficar pessimistas com os resultados, mas confiantes com o processo e a forma como este está a fazer o seu caminho.

52. Considera-se ainda de extrema importância e necessidade a realização de encontros de reflexão e oração nas paróquias, arciprestados e movimentos laicais.

53. Que se aposte e fomente a formação do clero e dos leigos, em vista a um exercício das suas responsabilidades na Igreja.

54. Urge, também, implementar as Assembleias Arciprestais, que devem reunir regularmente, com vista a uma pastoral de conjunto e em sintonia com a diocese.

Equipa Sinodal Diocesana

Padre Márcio Daniel Fonseca Martins
João Paulo Ferreira Lopes
Maria Olímpia Vicência Mairos
Diácono Daniel Pinto Coelho